

O QUE DISTINGUE O NOMADISMO DA MIGRAÇÃO? O CASO DO CANGAÇO DE LAMPIÃO

Jorge Luiz Mattar Villela*

O NÔMADE ENCAPSULADO

Certos grupos humanos têm na adoção de um modo de vida marcado pela mobilidade espacial o fator fundamental de sua especificidade. Contudo, ciências como a Geografia, a História, a Sociologia e a Antropologia confundem sistematicamente as noções de nomadismo, transumância e migração, tornando nebulosas algumas particularidades que subsistem entre os grupos que têm aquele fator em comum. Através da análise de algumas formas de banditismo, proponho uma definição de nomadismo, muito influenciada pela de Deleuze e Guattari (1980), capaz de preservar e ressaltar a singularidade dos modos de vida que se inscrevem sob este signo.

Baseando-me em Leori-Gourhan (1965) e Raffestin (1980), apresentarei as principais características da territorialização sedentária e o modo de deslocamento do migrante daí decorrente. Deste modo ficará bastante nítido como a qualificação do espaço efetuada por alguns tipos de banditismo é próxima daquela do migrante. A segunda parte deste artigo concerne propriamente ao nômade. Nela, veremos qual é a principal característica definidora do modo de organização espa-

cial nômade. Em seguida, o caso do cangaço de Lampião será utilizado para ilustrá-la.

Para compreendermos estas distinções é preciso que comecemos por desfazer a séria imprecisão das imagens dos nômades e sedentários que em geral formamos em nossas mentes ainda na infância. Desde a nossa primeira escola, aprendemos a ver nos nômades uma existência de errância incessante e de extrema pobreza, caracterizada pela ausência de tecnologia suficiente para permitir-lhes o descanso da busca ininterrupta por viveres. Tal imagem é fundada sobretudo em dois argumentos: 1 - o nômade é apresentado como o homem da Idade da Pedra Lascada ou, em termos mais precisos, de Paleolítico Inferior e Superior. Trata-se, no entanto, de uma perspectiva bastante evolucionista entender o nômade, seja ele caçador-recoletor, seja ele pastor, como o ascendente necessário do agricultor, o homem neolítico; 2 - o nômade é apresentado como o caçador-recoletor, aquele que passa todos os momentos de sua vida procurando não morrer de fome e por este motivo não tem tempo para inventar a Civilização.

Estes dois mal-entendidos da História, da Arqueologia, da Geografia e da Antropologia vêm sendo desfeitos há algum tempo.

Antropólogos como Marshall Sahlins (1972) e de certa forma Pierre Clastres (1976), questionaram a idéia de que o caçador-recoletor não produziu civilização por falta de tempo. Ambos, principalmente o primeiro, apresentam dados quantitativos provando que, em comparação ao agricultor, o nômade tem muito mais tempo livre, o qual ele dedica ao ócio ou ao lazer¹. O corolário destas teses é que o nomadismo não resulta da impossibilidade de sedentarização e, portanto, sua explicação deve ser procurada noutra parte.

MIGRAÇÃO

O que distingue o modo de organização espacial sedentário do nômade não é o movimento sobre o território. A territorialidade sedentária também supõe deslocamentos. Nós, que somos sedentários, vamos todos os dias trabalhar, estudar, passear em algum lugar que não é a nossa casa ou a nossa rua. Costumamos viajar a negócios ou em turismo. No entanto, nômades e sedentários diferenciam-se pela relação que estabelecem com a superfície de deslocamento, os percursos efetuados e os pontos que preenchem esta superfície. Distinguem-se também, por outro lado, pelo recorte que efetuam no território. No caso dos sedentários, a terra é dividida e seus pedaços são distribuídos pelos habitantes. Entre os nômades, os homens é que se distribuem por um território indiviso². Mas será apenas sobre o primeiro aspecto desta distinção que me concentrarei aqui.

Para Raffestin (1980), a representação de toda produção territorial tem como base a disposição de *pontos e retas* num plano (os três sintagmas da sintaxe euclidiana). Afastados uns dos outros, os pontos tendem, por natureza, a relacionarem-se e desta necessidade de ligação entre si é que surgem as retas, criando uma rede na qual os pontos são convertidos em nós ou cruzamentos e, portanto, em centros. Deste modo, as retas estão a serviço dos pontos. Os percursos (retas) são entendidos como distâncias a serem superadas, como obstáculos a serem ultrapassados. Esta representação é muito compatível com a definição de *espaço irradiante*, próprio do sedentário, conforme propõe Leroi-Gourhan. Este tipo de espaço tem como característica o fato de todos os percursos serem

orientados a partir de um centro irradiante. Eles partem necessariamente de um centro e vão em direção a outro. Daí resulta a fórmula geral de Deleuze e Guattari (*op. cit.*), segundo a qual o percurso do sedentário é aquele no qual existe um ponto de chegada objetivo e um ponto de partida preciso.

O migrante é aquele que sai de sua região de origem, em virtude de dificuldades de diversas ordens (políticas, econômicas, climáticas, legais etc) buscando uma outra região onde se instale, objetivando melhoria em relação à situação anterior. Assim, sertanejos saíram de suas vilas natais procurando o sul ou no norte do país; italianos fugiram da guerra procurando a paz no Brasil e nos EUA; brasileiros em geral refugiaram-se da ditadura militar na Europa. Todos reproduziram em seu movimento o modelo do deslocamento sedentário. Seus percursos foram obstáculos a serem vencidos na conquista de um novo centro para suas vidas.

BANDITISMO

Tendo em vista a definição dada acima do espaço sedentário, cumpre agora procurar esclarecer o modo de operação do banditismo em geral no que concerne ao seu território. Alguns exemplos tradicionais serão úteis para compreendê-lo.

A binarização do espaço tem sido o recurso mais empregado em termos de organização territorial de diversos tipos de banditismo. Salteadores de caminhos, piratas e bandidos de montanha têm em comum o fato de distinguirem um território de esconderijo, mais protegido do assédio das repressões legais, e um de ação para cuja determinação concorrem as rotas comerciais (por terra ou por mar). A atração que elas exercem sobre estes tipos de bandido cresce na razão de sua importância em termos de fluxo de mercadorias. Em muitos casos, os próprios salteadores transformam-se em comerciantes de seu butim (Cremoux, 1991).

Por vezes a binarização do espaço atende sobretudo a razões de ordem administrativa, conforme ilustra o caso de Diego Corrientes, que favorecido por problemas de jurisdição instalou-se em Portugal e visitava a região espanhola da Andaluzia periodicamente para roubar cavalos

(Quiros e Ardila, 1973). Estratégia similar utilizava o célebre Billy the Kid que, segundo Garret (s.d), atacava o México e fugia através do Rio Grande para o Texas ou Novo México.

O território de esconderijo pode corresponder a uma fortaleza, criada por um bandido para atender a esta finalidade. Na Serra do Cajueiro, nos sertões do Rio Grande do Norte, Jesuíno Brillante estabeleceu a famosa "Casa da Pedra", onde se refugiava e resistia às investidas da polícia. Por outro lado, o território de ação pode ser apenas sazonalmente estabelecido para aqueles bandos que invadiam povoados de agricultores, segundo as épocas do ano, para saquear as colheitas ou para cobrar impostos, como mostraram Hobsbawm (1966) e Funck-Brentano (1904).

Em cada uma destas modalidades de banditismo, os deslocamentos se dão sobre uma linha clara, cuja única utilidade é servir como elo de ligação entre dois pontos. Tratam-se de organizações espaciais mais próximas daquela do viajante comercial do que do migrante. Este último parte e se estabelece no ponto de chegada de sua viagem, fundando aí um novo local de residência tendencialmente definitivo, embora o desejo e a possibilidade de um retorno não se anulem por completo. O comércio itinerante, bem como o banditismo binarizante, ao contrário, presumem um tráfego periódico e mais sistemático sobre um percurso estabelecido de ida e volta.

VIDAS EM MOVIMENTO E NOMADISMO

O que diferencia o espaço nômade das demais espacialidades dos grupos que se deslocam? Em cada um dos casos de grupos em movimento analisados até agora, verificou-se subsistir em seus deslocamentos a presença de pontos de partida e de chegada que também caracterizam a peregrinação e a transumância. À maneira do itinerante, o peregrino, em busca do santuário, sai de sua cidade para atingir um lugar predeterminado. Aí também o trajeto é um obstáculo que separa dois centros a atingir, na partida e no retorno a sua casa. O pastor transumante divide seu território em zonas segundo uma sazonalidade e

efetua um deslocamento muito semelhante ao do migrante. Ele deixa uma das zonas em virtude das más condições climáticas numa dada altura do ano e retorna a ela num momento mais apropriado. Contudo, o transumante singulariza-se pelo caráter cíclico de seu deslocamento e a sua alternância de residência.

O nômade distingue-se de todos estes grupos pelo fato de ser imóvel³. A afirmação paradoxal exige explicação. Se o espaço sedentário caracteriza-se pela relação de submissão da reta ao ponto, do qual está a serviço, então assumimos que um deslocamento corresponde ao movimento entre um ponto e outro. No caso nômade, ocorre o oposto. Leroi-Gourhan (*op. cit.*) chama *itinerante* ao espaço desprovido de um centro de irradiação. Invertendo a noção de produção territorial de Raffestin, teremos que o ponto passa a ser tão-somente um meio através do qual o percurso pode perpetuar-se. O nômade, tal como o entendem Deleuze e Guattari, não se desloca desde um ponto de partida até um ponto de chegada. Não efetua uma viagem de ida e volta; ele está em movimento absoluto, o que também quer dizer imobilidade, pois desde a sua perspectiva não há referencial fixo com relação ao qual se possa definir um movimento de afastamento ou aproximação.

Eis então um primeiro aspecto da imobilidade nômade. Mas imobilidade significa também que o nômade é aquele que se recusa a abandonar o território, o que não admite partir. Refletindo sobre o nomadismo de deserto, Toynbee (1951), relaciona o surgimento deste tipo de organização espacial a um fenômeno climático. Ele apóia sua tese em estudos arqueológicos levados a cabo na expedição Pumpelly e suas escavações no oásis transcápio de Anan, que revelaram que em virtude de uma seca inicial (Toynbee não fornece datas), os povos caçadores que habitavam áreas por ela atingidas viram-se obrigados a permanecer no oásis e trabalhar a terra para assegurar a sua subsistência. A agricultura resultou numa nova relação com os animais, possibilitando que eles fossem domesticados. Uma segunda seca arruinou o oásis e fez fugir uma parte da população. A outra parte permaneceu e com seus animais adotou um modo de vida

nômade.

Resulta daí que a sedentarização não é necessariamente posterior ao nomadismo, nem uma evolução tecnológica em relação a este último. Autores como Toynbee e também depoimentos como o de Lawrence (1936, pp. 28-32) mostram de que forma o sedentário pode tornar-se nômade, viver como numa espécie de mar no qual o estacionamento é proibido e o movimento é absoluto, as "ilhas" sendo somente meio de continuar uma jornada sem fim.

O CANGACEIRO IMÓVEL

Andrade (1954) classifica assim os diferentes tipos de deslocamentos típicos do Nordeste: migrações da Fome e migrações da Fortuna. No primeiro caso, a fome empurra o migrante ou retirante. No segundo, a esperança de vida melhor o atrai. Distingue também as duas formas de migração, a amplitude e o volume: os que migram em virtude da fome não chegam tão longe e vão em menor número do que os que buscam a fortuna. Sem entrar no mérito da classificação, eu diria que o traço característico da mobilidade nordestina é seu caráter migratório. Sempre existe uma "mudança", no sentido mais urbano que o termo possa ter. Embora considere que migrações da Fome e da Fortuna muitas vezes se confundem proponho a elas acrescentar uma outra modalidade: a migração do Medo. É a fuga da violência e da justiça. Por exemplo: uma família mora numa cidade ou sítio assolado constante ou periodicamente por bandoleiros; ou no lugar há um "valentão" que aterroriza os vizinhos. Não são raras nos jornais notícias como esta:

"Peço providências contra as arbitrariedades do sr. Antonio Fraga, jagunços do sr. Ovidio Antunes que arrombou minhas mangas (...) É costume deste Ovidio açular desordens (...) O secuaz Antonio Fraga por ordem de seu patrão há muito vem me perseguindo (...) Estas perseguições dictadas mando desabusado, proporciona ao povo imigrar para São Paulo" (*Diário da Bahia*, 19/5/29).

Havia nestas paragens homens que não eram *corredores* (covardes), mas que tinham de migrar para outras regiões, fugindo da justiça ou em virtude de uma querela cuja mediação de um coronel determinava

a partida de uma das partes em litígio. Foi o que ocorreu com os Ferreira. Virgulino e a família tiveram de deixar Serra Talhada em busca de Floresta e depois foram empurrados para Mata Grande⁴. Há muitos outros exemplos como este que explorei mais detidamente em outro local (Villela, 1995).

Seguindo o caso de Virgulino, pode-se dizer que após a morte do pai, sua condição de migrante do Medo modifica-se. Já não se trata mais de sair de um lugar e procurar outro, deixar uma região por outra. Como cangaceiro imóvel já não fará mudanças, recusar-se-á a partir, a abandonar o território. Numa entrevista dada por ele em Juazeiro, por duas vezes foi-lhe perguntado porque não abandonava o cangaço, ou ao menos se tinha isto em mente. Duas foram as respostas, muito diferentes entre si. A primeira foi essencialmente profissional: ele perguntou ao entrevistador se, caso tivesse um negócio e se ele estivesse indo bem, pensaria em deixá-lo? Mas a outra resposta é absolutamente militar e territorial. Lampião disse que não queria sair do cangaço pois gostava da vida das armas. Se não gostasse, não sairia porque os inimigos não o esqueceriam. Neste caso teria de ir para longe, o que considerava uma covardia (Macedo, 1970). Pode dizer-se que do período de 1922 até 1928 Lampião não abandonou um território, mas apenas o ampliou no correr dos anos. A única breve retirada foi a incursão a Mossoró. Efetivamente o Rio Grande do Norte esteve livre da presença do cangaceiro. Mas Ceará, Pernambuco, Paraíba e Alagoas jamais foram abandonados neste período. O caso mais evidente é o de Pernambuco, onde Lampião era intensamente perseguido. Dali surgiram seus primeiros e maiores inimigos, seus mais ferrenhos perseguidores. Ainda assim, Lampião é visto frequentemente em sua região natal, no Vale do Pageú. Nem sequer as proximidades de Nazaré (Carqueja), vila que deveria ser evitada pelos Ferreira dadas as inimizades que fizeram ali durante sua curta permanência, foram abandonadas.

Lampião, até 1928, recusou-se a deixar o território. Podia ter seguido o exemplo de Sinhô Pereira, seu antigo chefe, e migrar para Goiás. Porém optou pela via imóvel

do nômade mesmo atravessando condições de extrema adversidade como as de seu último ano ao norte do rio São Francisco.

Mas como era feita a organização do espaço nômade de Lampião? Esquemáticamente, o banditismo de Lampião não binariza o espaço. Produz tendencialmente um território único, no qual ação e esconderijo se misturam. A caatinga e a montanha não servem como "covil", mas como região aberta, onde o refúgio da perseguição é possível, mas também o acesso a recursos (logísticos, alimentares e de riquezas) é praticável. Ao contrário do salteador de caminhos, a estrada é evitada havendo antes um abandono tendencial dos meios de condutibilidade regulares. O território de Lampião é de condutibilidade máxima, é aberto, sem impedimentos fixos ou âncoras gravitacionais.

Se o migrante desloca-se de um ponto ao outro, os pontos que preenchem o espaço cangaceiro servem como meios de captar recursos. O *coiteiro* desempenha aí um papel fundamental como provisor de alimentos, armas e munições. Tampouco existe continuidade entre esta espacialidade e a do transumante pois o trajeto não é estabelecido previamente segundo a sazonalidade ou os caminhos. Os pontos são cambiantes, criados e eliminados ao sabor das conjunturas políticas, jurídicas, militares, da vontade do chefe ou de outros componentes.

Lampião e seus homens mostram que o nômade não é aquele a quem falta uma certa tecnologia. Ele desenvolve, sim, uma tecnologia própria que satisfaz às suas exigências cotidianas. Tecnologia militar, como foram o aríete e a catapulta. Tecnologia de habitação, como foram as casas sobre rodas, o feltro, as residências biodegradáveis dos caçadores-recoletores. Tecnologia de transporte, como foram, para o caso específico dos cangaceiros, a *borracha* d'água, o embornal, a cartucheira de ombro, o *tubo*.

Ao contrário dos cangaceiros ligados a lutas de famílias e a grupos armados a serviço de um chefe, Lampião amplia seu território, multiplica os alvos de sua violência, alargando o alcance desta mesma violência. Na mesma medida, aumenta o

número e a topologia de seus inimigos. O que faz com que deva diversificar as suas alianças e fazê-las surgir sobre uma superfície cada vez maior. Cada um dos aliados, qualquer que seja a solidez do laço, é um ponto sobre a superfície. Um ponto que proporciona continuidade ao trajeto.

DEENCAPSULAR O NÔMADE

Apesar da impossibilidade de aprofundar a descrição da produção territorial nômade do cangaço de Lampião, tendo em vista a ausência de uma etnografia que seria capital, mas que apresentei em outra parte (Villela, *op.cit.*), as linhas gerais que distinguem o nomadismo da migração, no que toca à organização do espaço e dos deslocamentos, foram apresentadas aqui. Embora tal distinção já tenha sido feita anteriormente por outros autores tais como Leroi-Gourhan e Deleuze e Guattari, é sempre útil uma apresentação de casos concretos. No Brasil, poucos fenômenos de grupos em movimento são mais característicos do que o cangaço, particularmente o de Lampião. Levando em conta que a guerra traz deslocamento, é frutífero observar que nela também se pode obedecer às leis da mobilidade sedentária, o que só esporadicamente ocorreu no caso mencionado. Apesar das ocasionais experiências de sedentarização efetivamente observadas ao longo dos anos, acredito não incorrer em risco ao asseverar o nomadismo de Lampião.

Existiu sempre uma relação de antagonismo entre nômades e sedentários. O Estado, desde épocas remotas até o presente, vem tentando fixar, através de leis, de dispositivos educacionais, através do trabalho e da religião, os grupos humanos que vivem em movimento. Uma das formas de fixar o nômade é convencer a todos, aí incluídos os próprios nômades, da incapacidade tecnológica, da inferioridade civilizacional deste modo de vida. Como procurei mostrar, o nomadismo tem em si uma forma diferente, mas positiva, ele tem uma realidade independente e completa que não é defeituosa nem decorrente da ausência do que quer que seja.

* Jorge Luiz Mattar Villela é Mestre em Antropologia Social.

NOTAS

1. As etnografias sobre povos de caçadores-recoletores remontam ao século XIX, com Bleek (1869, sobre os San do Kalahari) e Spencer e Guillen (1899, sobre os Arunta da Austrália) e ganham força excepcional nos anos 60 em virtude dos trabalhos do Harvard Kalahari Research Group, liderado por Lee e Devore, que desembocou na publicação da coletânea *Man the Hunter* em 1968.
2. Além de Deleuze e Guattari (*op. cit.*), esta questão é profundamente discutida num artigo de Hartog, "Les Scythes imaginaires: espace e nomadisme", *Annales - E.S.C.*, 34e anné, 6, 1979.
3. O problema do "nômade como aquele que não se move" foi levantado por Toynbee (1951) e retomado por Deleuze e Guattari (*op. cit.*).
4. Para uma exposição do caso dos Ferreiras contra os Barros ver Ferraz (1979); Chandler (1981); Mello (1985); Lira (1990) entre outros.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, J.A.
(1954) "Le Migration dans le Nord-Est du Brésil", *Cahier Internationaux de Sociologie*, v. XIV.
- CHANDLER, B.J.
(1981) *Lampião Rei dos Cangaceiros*, São Paulo, Paz e Terra.
- CLASTRES, P.
(1976) "Age de Pierre, âge d'abondance" (prefácio da edição francesa de *Stone Age Economics*).
- CREMOUX
(1991) *Le Bandit et son Image au siècle d'or*, Paris, Sorbone.
- DELEUZE, G e GUATTARI, F.
(1980) *Capitalisme et Schizophrénie - Mille Plateaux*, Paris, Minuit.
- FERRAZ, M.
(1978) *O Canto do Acauã*, Belém, s/n.
- FRUCK-BRENTANO, F.
(1904) *Les Brigands*. Paris, Hachette.
- GARRET, P.J.
(s/d) *The Authentic Life of Billy, the Kid*.
- GREGÓRIO, J.
(1976) *Cangaceiros e Herói - Jesuíno Brilhante*, Campina Grande, s/n.
- HOBBSAUM, E.
(1966) *Bandits*, London, George Weindeinfeld & Nicholson.
- LAWRENCE, T. E.
(1936) *Seven Pillars of Wisdom*, s/l, Doubleday & Company.
- LEROI-GOURHAM, A.
(1965) *Le Geste e La Parole* (2 v.), Paris, Albin Michel.
- LIRA, J.G.
(1990) *Lampião: Memórias de um Soldado Volante*, Recife, Fundarpe.
- MACEDO, N.
(1970) *Floro Bartolomeu - o Caudilho dos Beatos e Cangaceiros*, Rio de Janeiro, Agência Jornalística Image.
- MELLO, F.P.
(1985) *Guerreiros do Sol*, Recife, Massangana.
- QUIROS, E. e ARDILA
(1973) *El Bandolero Andaluz*, Madrid, Turner.
- RAFFESTIN, C.
(1980) "Qu'est-ce le Territoire?" in: *Pour une Géographie du Pouvoir*, Livrairies Techniques.
- TOYNBEE, A.
(1951) *A Study of History* (tr. fr. Paris, Gallimard)
- SAHLINS, M.
(1972) *Stone Age Economics* (tr. fr. Paris, Gallimard)
- VILLELA, J.M.
(1995) *A Organização Espacial do Cangaço de Virgúlio Ferreira da Silva - Lampião (1922-1928/1928-1938) ou Como Produzir Território em Movimento*. (Dissertação de mestrado defendida na UFSC).